

FERNANDO PINTO  
Repórter Especial

# Juruna dá adeus: "luta continua!"

Quase dois dias de reiteradas tentativas para a concessão da entrevista, mas todas rechaçadas com a mesma resposta rude, objetiva, sem o traquejo convencional do político de carreira: não, Juruna estava magoado com repórteres; Juruna não confiava em repórteres. Isso no plano particular. No geral, ele também não confiava em brancos, porque o branco é falso. O branco fala pela boca sem sentir com o coração. E quando o cacique-deputado (até 3 de março), afinal, resolve nos atender "por alguns minutinhos" em seu gabinete do Anexo IV da Câmara Federal, fica bem evidente a diferença de um parlamentar fabricado no mundo civilizado e um outro que aos 17 anos ainda era totalmente selvagem: durante 45 minutos o índio cristão Mário Juruna fala sem medir as palavras, sem pose estudada ou frase de efeito. E toda esse tempo seus olhos escuros permanecem úmidos pela emoção de

um depoimento-desabafo contra uma sociedade que sempre o esnobou, muito embora o tivesse escolhido para representá-la na Câmara Federal (1982) com 31.905 votos, rejeitando-o na última eleição com cerca de 11 mil votos. Ainda atônito com a bordunada que lhe foi aplicada na cabeça pelas urnas cariocas, o chefe Xavante, que confessa ter sido violentado quando foi obrigado a usar terno e gravata no plenário do Congresso Nacional, desfaz definitivamente a recente versão de que pretende retornar à reserva indígena de São Marcos, no município de Barra do Garças (MT).  
— Eu tenho duas lideranças. Tenho uma liderança com a comunidade indígena e tenho uma liderança como político. Então eu vou continuar. A batalha não falta. A luta não falta. A luta vai ter sempre. A voz do índio vai ficar em pé. A voz do índio não vai cair. Não vou abandonar a minha luta. Não vou esquecer a minha luta...

Fotos: JORGE CARDOSO



## Eleitor foi um ingrato

O deputado federal Mário Juruna (PDT) prometeu falar às 9 horas, mas só apareceu às 12h10 no seu gabinete do 5º andar do Anexo IV, onde entrou como um vendaval trazendo a reboque sua mulher Doralice de Carvalho Silveira, que apesar de moirada e corte de cabelo de Xavante — é filha da civilização. Agora ela está ali ao lado do marido, sem piscar um olho, silenciosa, mas absolutamente atenta. O início do diálogo é dificultado pela disposição do parlamentar da bancada carioca de evitar jornalistas.  
— Eu sempre fui tratado através da imprensa como um palhaço. Sempre fui tratado dentro do partido como um palhaço. E eu quero dizer que quem é palhaço é branco, quem é palhaço é a imprensa, quem é palhaço é a televisão, quem é palhaço é repórter...  
Carapuça enfiada como melhor dos sorrisos profissionais, buscamos o fio da meada no resultado desfavorável da última eleição. E aí a explosão do índio Juruna sai num turbilhão de palavras quentes, português arrezado misturado com puro Xavante, períodos curtos que jorram aos borbotões, surpresa de um candidato simplório que contava reeleger-se folgadamente.

energia de um presidente como Ulysses Guimarães conseguiria contê-lo. Um muro na mesa assinala um ligeiro ponto parágrafico, sob o olhar ainda imperturbável de D. Doralice.  
— Disputei a eleição para poder retornar à Câmara dos Deputados, para poder continuar lutando pela Nação. Mas o que eu fiquei mesmo injuriado foi com o partido. Brizola não me deu a mão. Brizola não me ajudou em nada. Fui discriminado pelo meu próprio partido. Eu só apareci três vezes na televisão. O problema era que nem a televisão estava me apoiando, nem jornal, nem rádio. Infelizmente, o povo do Rio de Janeiro não reconheceu que eu era candidato. A maioria nem sabia que eu era candidato. Ninguém publicava nada pra mim. Foi por isso que eu perdi a eleição...  
Os olhos continuam úmidos, mas as lágrimas se recusam a descer pelo rosto, talvez porque o índio chora diferente, chora com um mínimo de dignidade. E agora, pela primeira vez, as palavras não conferem com a expressão do rosto, provavelmente demonstração de vingança em estilo índio.  
— Derrota me deixou contente. Derrota me deixou feliz. Porque eu quero que brasileiro apanhe com político. Se brasileiro não apanha, não aprende. E tem que apanhar muito, ainda. E vai chegar um dia que brasileiro vai se arrepender de não ter votado em Juruna. Porque o brasileiro não dá valor pra si. Porque o brasileiro quer passar fome. Brasileiro não vê a sua própria necessidade. Por isso vota pra rico. E já tá apanhando com esse negócio de pacote. Se governo falasse nesse pacote antes da eleição, Juruna tava eleito. E não só Juruna, mas todos que tivessem na oposição vota pra rico, o PDT e o PT. E os outros partidos pequenos já tinham crescido. Então, como esse governo é de branco e tem muita malícia, tem muita malandragem, ele não quis declarar pacote antes da eleição. Então ele segurou o pacote, esperou depois da eleição pra poder jogar o pacote em cima do povo. Se ele jogasse pacote antes, PMDB não ganhava nada...

"Foi uma pura ingratidão, ingratidão falsa, ingratidão crime. Eu me sacrifiquei perante público, perante a Nação brasileira. Todo mundo sabe muito bem quem é Juruna. Eu sou o homem do gravador. Eu sou o homem chefe da comunidade indígena. Sempre trabalhei antes de ser político. Foi presidente do Tribunal Bertrand Russell (pronúncia quase ininteligível). Foi presidente da Comissão do Índio. Foi eu que mexeu o País. Foi eu que chamou os 22 ministros de ladrão no tempo do regime militar. E eu quase fui casado. Mas tive a coragem de enfrentar todas as barreiras, de enfrentar todos os sofrimentos, de enfrentar todas as injustiças praticadas contra mim e contra o povo...  
A esta altura os gestos largos do orador regem o ritmo quente das palavras. Ele não está exatamente em uma tribuna, mas se estivesse — nem mesmo a

— Derrota me deixou contente. Derrota me deixou feliz. Porque eu quero que brasileiro apanhe com político. Se brasileiro não apanha, não aprende. E tem que apanhar muito, ainda. E vai chegar um dia que brasileiro vai se arrepender de não ter votado em Juruna. Porque o brasileiro não dá valor pra si. Porque o brasileiro quer passar fome. Brasileiro não vê a sua própria necessidade. Por isso vota pra rico. E já tá apanhando com esse negócio de pacote. Se governo falasse nesse pacote antes da eleição, Juruna tava eleito. E não só Juruna, mas todos que tivessem na oposição vota pra rico, o PDT e o PT. E os outros partidos pequenos já tinham crescido. Então, como esse governo é de branco e tem muita malícia, tem muita malandragem, ele não quis declarar pacote antes da eleição. Então ele segurou o pacote, esperou depois da eleição pra poder jogar o pacote em cima do povo. Se ele jogasse pacote antes, PMDB não ganhava nada...

**B**ranco engana branco, mata branco, mata índio e mata os outros pelas costas. Branco também se mata e maltrata filhos. Índio não maltrata os filhos e não dá tiro na cabeça como branco tá dando toda hora tiro na própria cabeça. Índio nunca se matou porque tem Deus no coração, enquanto o Deus de branco é o dinheiro. Quem inventou a corrupção foi o branco e não o índio. Branco gosta de roubar".



## Mágoa de 'branco' é antiga

Com 44 anos de idade, Juruna encarna a figura do autêntico patriarca bíblico: duas mulheres e 10 filhos. A primeira mulher era Xavante, como ele, de quem se separou amigavelmente (até a data presente mantém o melhor relacionamento com sua primeira esposa) para casar solenemente com Doralice em 1981. Apesar de considerar a priori o civilizado um inimigo em potencial, cometendo o equívoco etnológico de que basta ser não-índio para merecer o rótulo de Branco, dos 10 filhos (por enquanto) reconhecidos pelo famoso cacique, só uma filha foi batizada com nome de origem guarani, assim mesmo disfarçado. Eis a relação da prole: Flávio, Leonardo, Onorina, Marculina (homenagem ao posto indígena São Marcos), Suzana, Diogo, Vitória, Sheila, Maria de Jesus e Aracy. Se algum repórter tenta saber coisas da intimidade da família, ele desconversa abruptamente, fechando a cara. Por isso não recebe jornalistas no seu confortável apartamento da 202 Norte, conjunto residencial de elite (quatro quartos, salão e dois quartos de empregada) onde vive como um estrangeiro.  
— O índio é socialista (na certa quis dizer social). O índio é comprometido com a sua comunidade. O índio é ligado com o povo dele. Não é aqui como o branco que mora num apartamento e desconhece quem mora ao lado...  
Contra o "branco" (não-índio, excluindo o negro) o cidadão brasileiro Mário Juruna alimenta um ressentimento atávico, agravado por sua frustrada convivência no meio civilizado.  
— Meu pai me contava, meu avô me contava. E nós índios sabemos aprender na história do passado que o homem branco tem muita malícia. O branco tem muita ganância na cabeça. O branco tem muita inveja. Eu já sabia disso. Juruna aprendeu dentro da comunidade indígena, meu pai me ensinava tudo isso pra mim. E eu falva pro meu pai: eu vou vencer tudo isso, eu mudar tudo isso...  
— Vencer, venceu. Mas mudar, não conseguiu mudar, apesar de ter tentado. Se ainda vai continuar tentando, a credibilidade agora está um pouco abalada pelo recente insucesso eleitoral.  
— Branco acredita muito no branco, mas gosta de fazer do boche de índio. Mas índio também não acredita muito no

branco. Branco tem muita facilidade de falar um com o outro. Mas quando você vira as costas pra lá, ele manda a facada nas suas costas. Índio não faz isso. Se a outra pessoa tá errada, índio fala na sua presença, ele só fala pela frente. E por isso que aqui eu falo na frente de todo mundo. Eu não sei esconder nada. Eu não tem papa na língua. Nem qualquer índio tem papa na língua. Então nós estamos ensinando pra vocês. Índio tá ensinando pra branco. Branco brasileiro sempre foi muito burro. Branco tem cabeça muito curta. Branco tem cabeça grande pra roubar...  
Se o branco já é merecedor da desconfiança da parte do índio, se ostentar título de "doutor" aí mesmo é que a situação piora.  
— Esses doutores nós sabemos de nada. Esses doutores existem só pra roubar. Quem tem muita leitura costuma roubar. Então não adianta estudar pra passar a perna em todo mundo. Quem tem menos leitura é o que menos rouba. Quem tem menos conhecimento tem menos chance de roubar. Quem tem muito conhecimento, tem muita sujeira na cabeça e no coração...  
A maior mágoa que Juruna guarda de branco está relacionada ao uso obrigatório de paletó e gravata no plenário da Câmara, quando o então presidente Flávio Marçílio obrigou-o a usar essa indumentária, a fim de cumprir à risca o regulamento do Congresso, protocolo que jamais poderia prever a eleição de um cacique para o parlamento nacional.  
— Achei aquilo muito errado. Achei aquilo muito injusto. Plenário precisava respeitar a minha tradição, a minha cultura. Achei muito errado, achei muito péssimo, achei muito violento. Eu sou daqui, não sou estrangeiro. Infelizmente, eu tenho cultura diferente. Eu não podia usar gravata e terno. Eu poderia manter o meu hábito, o meu ritual. Branco não compreende que tradição do índio é uma riqueza. A Câmara não reconheceu isso. Eu tive que usar terno contra a minha vontade. Mas eu protestei. Chamei a atenção da Câmara pra permitir o direito do índio de falar com a sua língua. Se estrangeiro vem pro Brasil, ele vai falar sua língua. Por que não proibir estrangeiro de falar a língua dele? E por que Câmara brasileira não permitiu que eu falasse com a minha língua? Eu sou daqui...



## As saudades do regime militar

Ao viajar em novembro de 1980 para participar na Holanda do Tribunal Bertrand Russell para Assuntos Indígenas, mas só depois de ganhar o habeas corpus solicitado junto ao Tribunal Federal de Recursos — o cacique Mário Juruna foi recompensado com a indicação de seu nome para presidir aquela reunião internacional. E a não ser por sua eleição para a Câmara Federal em 1982, ele jamais receberia qualquer tipo de reconhecimento em seu próprio País. E apesar de não dominar com desenvoltura o vernáculo, com vocabulário bastante restrito. Mesmo assim inscreveu na mesa do plenário, nada menos de 77 discursos, alguns que causaram verdadeiro rebolico. Mas mesmo assim o Xavante improvisa. No último dia 1º ele surpreendeu a todos:  
— Quero recordar o tempo do regime que o brasileiro viveu, que todo índio viveu. Quero declarar minha saudade ao militar que, durante 20 anos, segurou o País. O índio foi sustentado, foi muito cuidado durante o regime militar. Nunca tinha acontecido isso na minha vida, quando servia a comunidade indígena, quando batalhava e ajudava o branco a derrubar o militar. Ajudei o militar caui. Hoje, o regime de renovação, do civil que quer o poder, só trouxe bagunça para todo o Brasil, só trouxe a revolução para a vida de todo peão brasileiro. Não deu

certo. Durante a campanha eleitoral fui algemado por um juiz, que não conhece a autoridade, não reconhece que o deputado tem imunidade...  
Na conclusão, mais uma vez é ressaltada a figura do militar:  
— "Tenho saudades dos 20 anos de regime militar, que passou. A gente acusava os militares de não prestarem. Hoje os brasileiros estão revoltados em todo o País...  
E quando todos acreditavam que aquela peça oratória tinha sido uma espécie de despedida solene do deputado Mário Juruna, eis que ele volta à tribuna da Câmara no dia 4 (quinta-feira), agora sim para apresentar o seu adeus. Surpreendentemente, agradece ao povo do Rio de Janeiro "pela oportunidade que me foi concedida através dos votos das eleições passadas". Lamenta "com grande tristeza que o povo carioca não esteve atento ou não valorizou a luta que aqui desenvolvi, não só pensando em proteger as comunidades indígenas, como também em favor de muitos outros assuntos de interesse nacional".  
Minutos antes, em seu gabinete, o deputado Juruna confessava ao repórter a sua desilusão como parlamentar:  
— "Aqui na Câmara deputado só sabe defender interesse do governo federal. Deputado só defende interesse de banqueiro. Deputado só defende interesse de empresário. Deputado só sabe defender interesse de capita-

lista. E tudo isso que funciona aqui na Câmara Federal. E por isso que o Brasil tá desse jeito. O Brasil tá desse jeito sem pai, sem vez, sem voz. Quem tem vez e voz é a multinacional, apoiada pela Imprensa, que é multinacional. Então o povo ficou sem vez. Porque representante da comunidade indígena brasileira agora também ficou sem voz".  
Quando lhe perguntamos se é verdade que não pretende entregar o seu apartamento funcional e nem o seu gabinete no Anexo IV, Juruna desmente, afirmando que esse boato foi espalhado por alguém que tem inveja de sua pessoa, de gente que está bastante longe de Deus.  
— E você acredita em Deus, Juruna?  
A pergunta atinge o Xavante como um forte soco. E a resposta sai como um urro de fé:  
— "Sem Deus eu não teria chegado ao Poder. Sem Deus eu não tinha boca pra falar. Sem Deus eu não tinha capacidade. Sem Deus eu não tinha energia. Sem Deus eu tava pobre. E eu sou um cara que tem espírito muito rico, com a vontade de Deus. O branco fala muito "se Deus quiser" ou "gracias a Deus". Mas não sente isso. Não existe graças de Deus com branco. Não tem Deus pro branco. O Deus do branco é o dinheiro, é o interesse. O índio, sim, tá com Deus no coração".

## Terena: exemplo de Juruna valeu

Ninguém melhor do que um índio para julgar outro índio, principalmente se esse índio fala com a melhor desenvoltura de branco, principalmente se esse índio convive com branco desde os oito anos sem nunca ter deixado se corromper pelo branco, principalmente se esse índio atende pelo nome de Marcos Terena e mereceu dos eleitores brasileiros cerca de cinco mil votos.  
— "Juruna foi a grande vítima do processo capitalista que só sobrevive através da corrupção. No processo capitalista os que possuem mais têm oportunidade de sobreviver na medida em que ele pisa na cabeça dos que têm menos. Se Juruna teve e tem mérito? Claro. Tendo como arma apenas um simples gravador, ele desestruturou todo o sistema militar, desestabilizou os militares da Funai. Tendo à frente Juruna, foram os índios os primeiros a promover no Brasil um movimento popular. Lula sabe disso. Foi por isso que ele promoveu aquele histórico encontro com Juruna, quando se inspirou para estender o movimento popular de Juruna na área operária do ABC".  
Marcos Terena explica o fracasso da reeleição de Juruna através da "malandragem e desonestidade do político branco". Sem conhecimento das coisas da política, o deputado

Xavante se descuidou em preparar uma verdadeira campanha eleitoral e quando se deu conta não havia mais tempo. Tratava-se de uma manobra dos próprios companheiros de partido, que viam em Juruna um competidor e queriam deixá-lo bem longe dos eleitores.  
— "Aqui também em Brasília aconteceu isso comigo, traição de companheiros de partido. Acontece que desde o começo, apesar do pouco dinheiro, consegui montar um comitê com telefone, graças à ajuda de amigos. E quando alguém ligava pra sede do PDT, atendia uma tal de Cláudia pra dizer que o índio Terena não tinha comitê, que o índio Terena não era um bom candidato. Eu comprovei isso, pedindo pra minha própria secretária checar a denúncia

que havíamos recebido. Com o Juruna deve ter acontecido coisa parecida, inclusive porque ele, como quase todo índio, é uma pessoa boa, ingênua, sem malícia...  
Terena tem outra queixa: durante a campanha eleitoral não teve o menor apoio das entidades que em geral sobrevivem às custas da causa indígena.  
— "Nem Cimi, nem Anai, nem outras entidades congêneres nos deram qualquer respaldo, nem a mim e nem ao Juruna. Essas entidades só nos procuraram em época de crise na Funai. Agora querem remexer na Funai e já começaram a nos procurar..."  
Da mesma forma como Juruna, Terena considera o branco muito perigoso, sempre interessado em corromper o índio, em envolver o índio:  
— "Por isso a primeira coisa que digo ao índio que ingressa na civilização é para dedicar-se ao trabalho, viver às suas custas e fugir da tentação das facilidades oferecidas pelo branco, como na época Paulo Maluf oferecia vantagens e dinheiro pra todo o mundo. Juruna viu tudo isso de perto e deve ter ficado muito chocado porque no meio dos índios não existe corrupção de tipo nenhum. Juruna teve o grande mérito de alertar o índio para a sua luta, que vai continuar agora mais do que nunca".



Terena: solidariedade